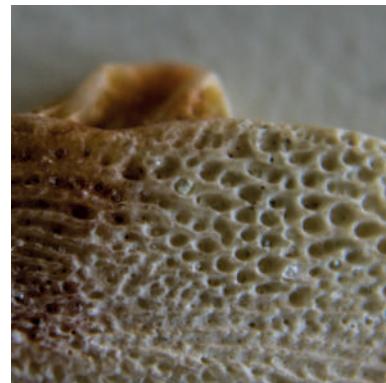


DESLOCAR
E ACUMULAR:
OBJETOS E
PAISAGENS
MEMORÁVEIS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ARTES VISUAIS

CAMILA SILVIA PARREIRAS

DESLOCAR E ACUMULAR:
OBJETOS E PAISAGENS MEMORÁVEIS

Belo Horizonte
2019

CAMILA SILVIA PARREIRAS

DESLOCAR E ACUMULAR:
OBJETOS E PAISAGENS MEMORÁVEIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Habilitação: Artes Gráficas

Orientadora: Profª. Elisa Campos
Co-Orientador: Prof. Wagner Leite Viana

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes UFMG
2019



Dedico à vovó Laura, minha inspiração.

SUMÁRIO

6

Agradecimentos

7

Introdução

9

Capítulo I - COLECCIONAR

14

Capítulo II - LEMBRAR

19

Capítulo III - DESLOCAR/FOTOGRAFAR

24

Capítulo IV - ORGANIZAR/MOSTRAR

34

Considerações finais

37

Referências

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais (Daniel e Ivanilde Parreiras) que sempre me incentivaram e acreditaram nos meus sonhos, amo vocês.

Aos meus professores e orientadores Elisa Campos, Wagner Leite e Fabrício Fernandino por todo conhecimento e por me apresentar excelentes referências e valiosos conhecimentos. À minha amiga Camila Dornelas que me introduziu o curso de artes visuais e a Universidade. Aos amigos que construí dentro da academia, HOLICAU (Mayara, Dani, Mari, Clara e Wendel), Ingrid Haguihara e Sophia Carvalho. Todos me trouxeram importantes contribuições e me incentivaram em meu percurso acadêmico e mesmo que voltem às suas cidades/país, estarão eternamente em meu coração. Também à minha amiga do Gatti Mariana, que me orientou e apresentou novas referências durante meu percurso.

Por último agradeço a todos que colaboraram com minha pesquisa me presenteando com conchas expandindo minha coleção e a própria investigação artística.

INTRODUÇÃO

Desde a infância temos o costume de colecionar. A coleção nasce do desejo de reunir coisas - brinquedos, livros, cartões-postais, entre outros - que compõem um conjunto e nos incita a buscar mais objetos daquela mesma categoria.

Brincávamos, eu e meus primos, de caça ao tesouro, na areia de uma construção. Em meio a toda aquela areia, encontrei pequenas conchas e cogitei a possibilidade de terem vindo do São Francisco, o rio mais próximo. A melhor parte dessa experiência foi trazer meus "tesouros", as conchas, para casa e, como acontece com toda criança, essa brincadeira abriu espaço para a imaginação.

A partir daquele momento, decidi dedicar-me a essa coleção. Peguei todas as conchas que havia recolhido até então e as coloquei em uma pequena caixa. Ficava triste pois, onde moro não há mar e nunca tinha tido a oportunidade de conhecê-lo, mas, apesar disso, já havia criado uma relação com objetos que remetiam a tal ambiente - a concha sendo seu principal símbolo. Conforme Bachelard:

"À concha corresponde um conceito tão claro, tão seguro, tão rígido que, por não poder simplesmente desenhá-la, o poeta, reduzido a falar sobre ela, fica a princípio com deficiência de imagens. É interrompido em sua evasão para valores sonhados pela realidade geométrica das formas. E as formas são tão numerosas, por vezes tão novas, que, a partir do exame positivo do mundo das conchas, a imaginação é vencida pela realidade."
(BACHELARD, 1957, p. 88)

Dessa forma, foi incitado em mim um profundo desejo de sempre viajar, explorar tudo à minha volta e consegui colocar tal desejo em prática: fui para outras cidades, estados e países. O ato de adquirir objetos de cada lugar visitado se tornou uma prática importante e necessária à minha subjetividade. Assim, muitos outros tesouros têm sido trazidos para casa comigo em cada nova experiência, a fim de serem colocados em caixas e acumulados como *objetos-memória*.

Com o tempo, percebi que, ao me apropriar da fotografia como linguagem artística, estava utilizando-a também como uma espécie de "caixa" para guardar meus objetos, podendo trazer todas essas lembranças sem pesar nas malas.

Hoje, busco colecionar memórias marítimas e, por onde quer que eu vá, continuarei coletando e construindo novos tesouros, sem colocar limites à minha imaginação, pois tudo é possível, assim como a imensidão do mar azul.

Dentro desta monografia pesquiso mais a fundo os atos de: colecionar, lembrar, deslocar/fotografar e organizar/mostrar nos capítulos a seguir, fazendo uma relação com minhas produções durante a academia. Em cada um desses atos, crio diálogos entre a minha prática, conceitos, inspirações e referências.

CAPITULO I

COLECCIONAR

Durante a disciplina de ateliê I, na Universidade Federal de Minas Gerais, na Escola de Belas Artes, foi proposta uma atividade baseada na reflexão sobre os nossos "espaços de afeto". Pensei bastante sobre o que a palavra "afeto" significava para mim e, voltando às memórias de infância, lembrei-me de minhas pequenas coleções e histórias. A partir dessas, realizei o trabalho *Coleção de desapegos* como uma iniciativa de criar um novo olhar sobre o que havia sido levado pelo tempo, esquecido. Este trabalho instigou-me a reunir memórias alheias a fim de encontrar um significado não só para mim como artista em minha singularidade, mas buscar um sentido coletivo para o termo "afeto". Desse modo, perguntei aos meus conhecidos se poderiam me doar algum objeto do qual pudessem se desapegar. Ao receber os objetos, uma nova coleção começou a surgir, sendo apresentada como trabalho artístico.

De acordo com Kátia Canton "É também o território de recriação e de reordenamento da existência - um testemunho de riquezas afetivas - que o artista oferece ou insinua ao espectador, com a cumplicidade e a intimidade de quem abre um diário." (CANTON, 2009, p.22)

Ao retornar a essas memórias, reflito como o tempo e a lembrança são importantes, não só na vida de um artista mas na vida de qualquer pessoa. Penso qualquer tesouro - objetos pessoais preciosos - como um diário. Ao observarmos nossos tesouros de tempos em tempos, sentimos um progresso pessoal aliado à nostalgia de momentos que não voltarão mais, pois são dissonantes ao nosso agora, ficaram para trás em algum período de nossa vida.



Coleções pessoais - 2015

Achar objetos para aumentar uma coleção requer bastante esforço e exploração, mas criar uma coleção de desapegos na qual você recebe os objetos é uma tarefa mais simples. Reuni diversos tipos de objetos de desapegos (caneta, carrinhos, panelinha, bolinha de gude...). Para apresentar, precisei organizar e dividi-los em ordem de tamanho, grandes atrás e pequenos na frente. Cada objeto de desapego é carregado de história e muitas vezes, ao me entregarem o objeto percebia um certo alívio como um voluntário e desejado descarte do doador. Não dei continuidade a essa coleção justamente pelo fato de afinal reconhecer que os objetos são carregados de energia e memória e por isso decidi não trabalhar com a história de outras pessoas, mas sim com as minhas. Um exemplo emblemático de obra artística construída a partir da coleta é a instalação de Élida Tessler, *Doador* (1999). São 232 objetos obtidos a partir de uma solicitação da artista que enviou cartas a diversas pessoas com um pedido de doação de objetos do cotidiano que contivessem em seu nome o sufixo "DOR". Para cada peça ela encomendou com plaqinha de latão onde foram gravados os nomes dos doadores e dos respectivos objetos. Em meu trabalho *Coleção de desapegos* não incluo a história de cada objeto, mas a semelhança que percebo está nessa subtração do outro e na adição de seu objeto em minha coleção. Pensando sobre essas "operações" imaginei que muitas vezes essa "dor" vem do esforço pelo desapego que não é fácil quando se tem algo carregado de histórias e energias, havendo entretanto uma possibilidade de alívio no sentimento de renovação do doador e de reaproveitamento para o colecionador.

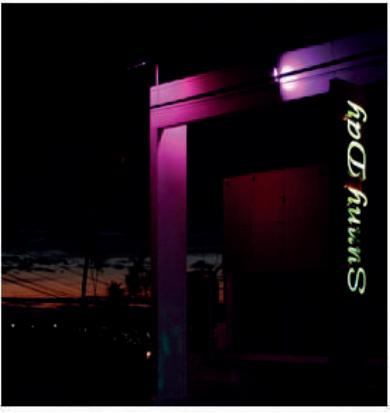
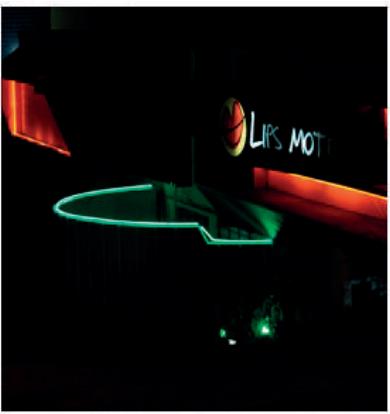


Élida Tessler, *DoaDOR* - 1999

Capítulo II

LEMBRAR

Dando continuidade a esses flashes de memórias da minha infância, utilizei luzes neon em outra série de trabalhos. Guardava comigo, como uma lembrança remota, mas potente, a imagem de motéis nas saídas das cidades. Acreditava que esses lugares eram parques de diversões, provavelmente devido à explicação que os adultos me deram naquela ocasião. Mobilizada por essa memória, resolvi ir às saídas de Belo Horizonte e fiz um estudo fotográfico que denominei *Neons* (2016). Ainda intrigada e impactada pelas luzes coloridas, presentes naqueles cenários periféricos, realizei outro trabalho na disciplina de ateliê II, ao qual denominei *Consciência* (2016). A proposta foi projetar dois spots de luz, um vermelho e outro azul, ambos apontados para o centro da parede. A união das duas cores luminosas produzia uma luz rosa. Ao colocar-me no centro dessa confluência de luzes, meus movimentos e minha sombra apareciam em suas reais cores (vermelho e azul), afirmando assim a existência do meu corpo, assim como dessas luzes individualizadas com minha presença.



Série Neons - 2016



Série Consciência – 2016

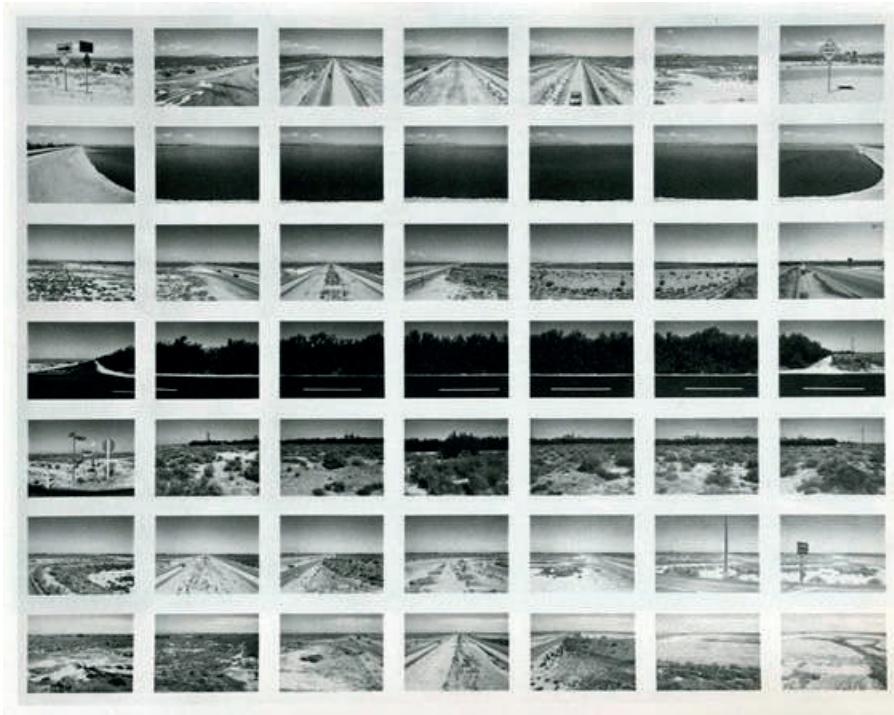
No momento em que me desloco da cidade para um ambiente natural, na maioria das vezes o litoral, passo por um processo de criação artística e, assim, começo minha produção. Durante o trajeto, inicio fotografando muitas coisas, desde a estrada, até a paisagem à minha volta e detalhes, às vezes tidos como triviais, por exemplo, assentos no ônibus, pessoas, paradas etc., pois pretendo reter ao máximo, por meio de imagens, todas as sensações que tenho durante o trajeto. Entretanto, percebo que carrego dois elementos recorrentes como meus principais focos: luzes e paisagens. Esses interesses presentes no trabalho *Neons* (2016) e *Consciência* (2016) vieram em um momento em que percebo nossa atualidade retomando aos anos 70's e 80's e trazendo essas luzes e efeitos de projeções de cor para os clipes musicais, baladas e até mesmo às fotografias editoriais. Ao observar esses elementos, perco-me no tempo e me desconecto completamente da realidade. As cores vibrantes da estrada, o ar puro e as luzes noturnas nas saídas das cidades por onde passo me remetem a uma paz paradoxalmente viva e agitada.



Capítulo III

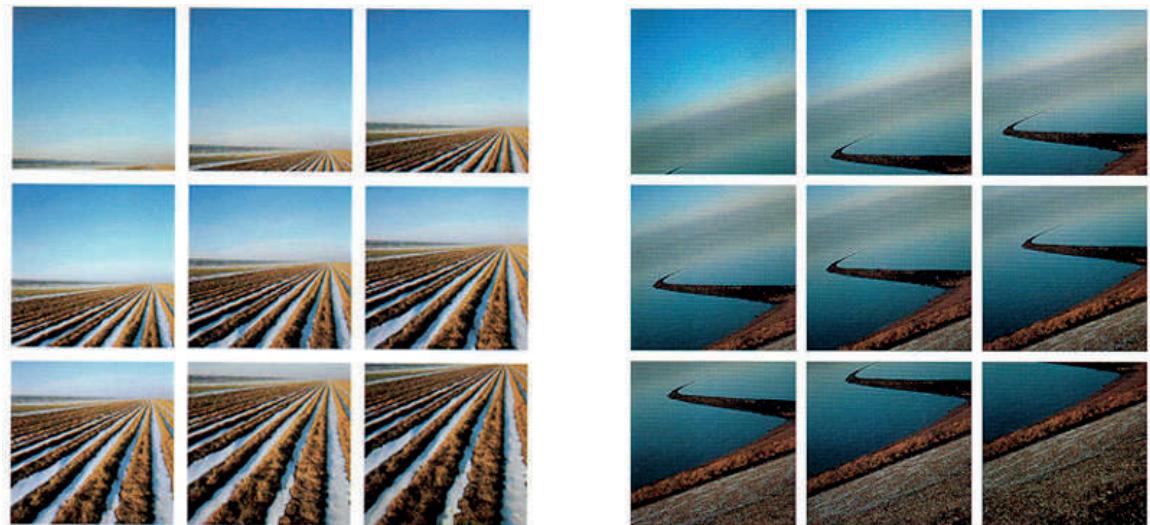
DESLOCAR/FOTOGRAFAR

Robbert Flick (2011) e Ger Dekkers (1977), ambos fotógrafos de estradas, são particularmente inspiradores para meus próprios trabalhos. Flick trabalha com o auxílio de um aparelho chamado *auto winder*, o qual automaticamente adianta o filme das fotos sem necessitar de adiantamento manual. Ele realizou uma série nomeada "*Freeway*" composta de várias fotos de viagens rotineiras de uma cidade para outra. Cada vez que disparava uma cena, obtinha-se uma nova percepção para a próxima. Seus frames expostos são montados em ordem sequencial, sempre no horizonte da estrada, numa frontalidade em relação ao próprio percurso, reforçando perspectivas com seus pontos de fuga em muitos casos bastante centralizados.



Robbert Flick, *Freeway*, 2011

Ger Dekkers também trabalha com a fotografia de paisagem de estradas em sequência, porém, seus temas são mais específicos, dedicados a localidades da Holanda. Nota-se em suas obras, tamanho valor atribuído à simplicidade e à rotina que tendem a nos remeter a muitos sentimentos, sutilezas, e à geometria e abstração das formas.



Ger Dekkers, *Planned Landscapes - Nederland, 1977*

O horizonte e a continuidade das imagens me instigam bastante na construção do meu trabalho. Durante a pesquisa dessas séries, descobri também o artista Hans Peter Feldmann. Em seu livro *Album* há uma obra chamada *Horizon*, onde são colocados, lado a lado, várias pinturas de paisagens guiadas em sua disposição pela continuação da linha do horizonte, criando uma única peça compositiva. Meu interesse por essa obra foi despertado ao observar que Feldmann coleciona pinturas e fotografias de vários artistas e de épocas muito distintas, onde constrói uma paisagem imaginária e atemporal. O processo de seu trabalho passa pela coleta, ordenamento e reapresentação de imagens de acordo com sua singular perspectiva.



Hans Peter Feldmann, *Horizons*, 2015.
Oil paintings 34 x 281 1/4 in 86.4 x 714.4 cm

Percebo que nas séries *Freeway* e *Planned Landscapes* há uma proximidade com minhas próprias fotos, pela importância dos ângulos, das perspectivas e do grid, ao posicionar as fotografias, transformando a multiplicidade de imagens em um único conjunto, como é possível observar também em uma parte da minha série *Acumulá vayas donde vayas*. Na montagem que apresento, proponho algo diferente que deixa de ser memória. São experiências de aproximação e distanciamento. Como um zoom aprofundando o olhar no detalhe e na intimidade das coisas, algo que ocorre também no trabalho *Freeway*. Já em *Planned Landscape* e assim como em meu trabalho, percebo que a abstração me faz sair da paisagem para mergulhar em uma outra dimensão da composição e de certa forma dentro de uma ficção.



Camila Parreiras, *Acumulá vayas donde vayas*, 2018

Capítulo IV

ORGANIZAR/MOSTRAR

Ao dar continuidade à exploração de memórias, durante a disciplina ateliê III relemrei mais um momento importante de minha infância, já relatado na introdução. Durante uma viagem com meus pais para a casa de meus parentes no norte de Minas, ao brincar na areia que vinha do rio São Francisco, encontrei aquelas conchinhas que me deixaram encantada. Veio-me, então, o desejo de conhecer o mar, algo que só me foi possível na idade adulta e, na primeira viagem que pude fazer, recolhi muitas outras ao relembrar daquele episódio da infância.

A partir dessa coleta construí as séries Encapsuladas e Preciosas insólitas, realizadas no ateliê de escultura e apresentadas na exposição *Desenvolvimento* no Centro Cultural UFMG.



Série *Encapsuladas* - 2018



Série *Preciosas Insólitas* - 2018

Na série *Encapsuladas* (2018), reúno alguns objetos que encontrei na minha primeira ida à praia e os laco dentro de pequenos recipientes com líquidos que me remetem ao lugar em que foram encontrados. Assim, o nome dado significa para mim o lugar para colocar meus achados e guardar esses tesouros, (imagino que ao mantê-los na própria água em que foram encontrados, guardam consigo seu próprio ambiente, como se assim estivessem em espaço protegido e familiar...). Já na série *Preciosas insólitas* (2018) refiro-me literalmente a algo raro e incomum, que, por isso mesmo se torna precioso. Construo diversas caixas-assemblages inspiradas nos trabalhos do artista Joseph Cornell e na forma como ele cria e organiza seus conjuntos de caixas, retendo e organizando os objetos variados que encontra. De acordo com a artista e pesquisadora Águeda Márcia Ferrão:

"Cornell guardava coisas em caixas e parecia guardar o tempo. Fazia caixas, porque o seu trabalho assinalava um lugar para onde converge um tempo de infância. Não a dele, a minha, a sua, mas aquela que habita o coração dos homens". (Ferrão, 2006, p.30).

Além de criar assemblages, o artista faz curtas metragens do processo de recolhimento desses fragmentos ecléticos. Esse tipo de colecionismo e posicionamento de objetos têm sido uma grande referência para montar e apresentar parte da minha coleção, sobretudo a finalização desses processos de organização criados em ambas as séries apresentadas neste capítulo. O ambiente de armazenamento ou guarda (gaveta, armário...) se tornam os próprios dispositivos de mostra e exposição.



Joseph Cornell, *Art in box* - 1940

O filme *Everything is Illuminated* ("Uma vida iluminada"), de 2005, pelo diretor Liev Schreiber, conta a história de um rapaz judeu colecionador obcecado pela história de sua família. Ele viaja para descobrir o que aconteceu com seu avô durante a Segunda Guerra Mundial. Nessa jornada, faz muitas descobertas e vive momentos marcantes e impactantes, os quais não exatamente tiraram seu foco, mas definitivamente modificam seu modo de "encarar" as coisas. Quando lhe perguntam o porquê de sua paixão pelo ato de colecionar, ele diz: "tenho medo de esquecer".

Reconheço que minhas fotos representam, mais que tudo, minhas emoções durante o trajeto das viagens, aquilo que considero ser o mais importante. É como revivo tudo o que vivencio de meu percurso: os lugares, as pessoas, às experiências gastronômicas e objetos que são desses lugares. A história do filme me toca e me incita o desejo de expor meus acúmulos de viagens em caixas abertas - ou fora delas.



Liev Schreiber, *Everything is Illuminated* - 2005



Camila Parreiras, *Conchas* - 2018

Ao chegar ao ateliê IV, reparei que continuava concentrada nos objetos, mas que a fotografia também fazia parte das coleções, correspondendo a mais uma forma possível de coleta, ou seja, a coleta de imagens, como já estava ocorrendo com o trabalho *Acumulá vayas donde vayas*. Isso me fez alterar a forma de apresentação. Ao realizar experimentos com os objetos e transformá-los em imagens, cheguei à configuração da série *Especiosidades*, onde o ponto principal é a valorização dos desenhos internos de cada objeto fotografado, enfatizados pela aproximação de um zoom na imagem ou utilizando de um recurso digital correspondente a uma lente macro. *Especiosidades* significa algo especial e delicado, assim como minhas conchas apresentadas. Por meio dessa transformação obtive um resultado diferente em relação ao objeto, descobrindo mais possibilidades, uma experiência que acabou sendo exposta na exposição *Deriva XIII*, de curadoria de Marcos Hill, realizada no Centro de Referência da Juventude - CRJ/ BH, em 2018.

Ao mesmo tempo em que meu trabalho se bifurca entre fotografar e coletar, tenho a necessidade de apresentar ambos no mesmo espaço, afinal, se conectam fortemente. A filósofa Ana Luísa Janeira, trás o seguinte pensamento em relação à coleção e suas classificações:

"Ao tempo, o colecionador é um agente de cultura personalizado por uma quantidade dominante - a curiosidade - e um patrimônio associado a determinados objetos - as curiosidades. Daí que reúna uma variedade de produtos - dos pequenos aos grandes, dos estéticos aos funcionais, dos endémicos aos exóticos - a que podem ser associadas várias grelhas organizativas - das mais concretas às mais abstratas, das mais ingênuas às mais sofisticadas -. Sendo assim que nem sempre parece óbvio se haveria qualquer critério, consciente ou inconsciente, a subjazer à composição." (JANEIRA, 2005, p. 28)

A outra forma de apresentar tais trabalhos se deu ao colocar imagem/objeto lado a lado, como no caso da série *Acumulá vayas donde vayas*, apresentada na exposição *Mas, com o tempo numa outra crise*, realizada na Galeria da Escola de Belas Artes. Rever os objetos colecionados é como voltar no tempo e reviver o momento passado, tais acumulos trazem nostalgia ao serem revisitados. Uma coleta não se faz apenas de objetos palpáveis, mas também de imagens que recolocam a ideia no momento presente.



Série *Acumulá vayas donde vayas* - 2018



Série *Especiosidades* - 2018

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Olho para o mar, o infinito, o vasto, os barcos que passam a quilômetros de distância e as ondas. Sento em silêncio na areia e respiro fundo, fecho os olhos e apenas escuto o mar. Sinto as gotículas de água respingando em meu rosto, abro os olhos e vejo crianças brincando na areia, correndo felizes. Vendedores passando de um lado para o outro, gritando, famílias sentadas na sombra de seus guarda-sóis.

Ao chegar no destino final das minhas viagens, independentemente de qual cidade eu tenha estado, sempre há novidades para mim. O novo e o desconhecido me atraem intensamente, despertando uma curiosidade sem fim. Observo tudo antes de mais nada, localizo-me antes de penetrar naquela realidade, de tal forma que me perco e, simplesmente, sinto a energia do novo lugar. Quando o destino é a natureza, toda saturação do espaço urbano se desfaz no momento de chegada. Então, minha mente se desacelera e tudo em meu olhar se torna poético e suave, portanto, as fotos consequentemente transparecem essas sensações.

Vivenciar é entrar em contato com o ambiente e aproveitar ao máximo o que esse espaço tem a proporcionar; é aprender com novas culturas e novas experiências. É, antes de tudo, dar valor a cada minuto do que estou presenciando e experimentando, sabendo que pode ser a única ou última vez.

Quero deixar meus tesouros aqui nesta terra e a arte me proporciona essa possibilidade. Quando a memória em mim não existir, ela ainda estará presente para ser revista em forma de arte.

Esse universo da coleção é tão imenso, existem tantas coisas e lugares para se explorar, transformar e mostrar. Meu maior questionamento é: quando eu morrer essas coleções morrerão comigo? Ou será que ficarão no tempo para aqueles que estão aqui lembrar que um dia passei nessa terra e vivi intensamente e reuni pedacinhos de cada lugar que passei? É uma fala um pouco triste para aqueles que vivem no tabu da morte, mas saibam, é o que nos espera! Mas minha preocupação é o que posso deixar de melhor aqui nessa terra como pessoa e como artista. Tenho muitas coisas para explorar nessa jornada, meus professores de ateliers me guiaram até aqui e, de agora em diante muitos desafios e surpresas enfrentarei sozinha no prosseguimento de minha pesquisa. Nesse exato momento só gostaria saber qual será o próximo mar que vou conhecer e como vou desdobrar os futuros registros e formas de apresentar, mas só o tempo dirá...
Continuarei colecionando vivências de lugares que passei e ainda passarei.

REFERÊNCIAS

Bibliografia

- BACHELARD, G. *A poética do espaço*. Rio de Janeiro: Ed. Presses Universitaires de France, 1957.
- CANTON, K. *Tempo e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- FERRÃO, Águeda Márcia. *Compartilhando silêncios: um resgate de recordações*. Dissertação de mestrado. UFMG, 2006.
- JANEIRA, A. L. *A configuração epistemológica do colecciónismo moderno (séculos XV-XVIII)*. Episteme, nº 20, Porto Alegre, jan/jun. 2005. pp. 23-36.

Artistas

- CORNELL, Joseph. Art in box - 1940. Disponível em: <<https://www.artsy.net/artwork/robbert-flick-east-of-lancaster-ca>> Acesso em: 26 de junho de 2019.
- DEKKERS, Ger. Planned Landscapes: 25 horizons. Nederland: Ed. Landshoff, Bentveld-Aerdenhout, 1977.
- FELDMANN, H. P. Album., Alemanha: Walther Konig, 2008.
- FLICK, Robbert. Freeway - 2011. Disponível em: <<https://www.christies.com/features/Joseph-Cornell-Outside-the-box-9440-3.aspx>> Acesso em: 26 de junho de 2019.
- TESSLER, Élida. DoaDOR, 1999. Disponível em: <<http://www.eli-dateSSLer.com/doador/doador.htm>> Acesso em: 23 de junho de 2019.

Cinematografia

- SCHREIBER, L. *Uma vida iluminada* (Everything is illuminated), 1h, 46m, USA, 2005.

